

**A ESCOLA E A LÓGICA DO CAPITAL: FORMAÇÃO DE MÃO DE OBRA
QUALIFICADA E MERCANTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO**

***THE SCHOOL AND THE LOGIC OF CAPITAL: QUALIFIED WORK HAND
TRAINING AND MARKETING EDUCATION***

Fábio Alexandre da Silva¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo debater questões inerentes à realidade histórico-social da educação no Brasil, analisando a função das instituições educacionais a partir da ótica do capital, tentando explicitar o seu papel enquanto aparelho que se coloca a serviço de um Estado burguês, cuja legitimação da autoridade e dos interesses das classes majoritárias se sobrepõe aos interesses gerais da sociedade brasileira. Para tanto, foram realizadas uma pesquisa bibliográfica e uma revisão da literatura, tomando como aporte teórico autores como Louis Althusser, István Mészáros, Dermeval Saviani, Caio Prado Júnior e Naura Ferreira e Márcia Aguiar. O texto está estruturado em três partes, sendo que em um primeiro momento é apresentado um breve panorama sobre a trajetória da educação no Brasil a partir de Prado Júnior e Ferreira e Aguiar, com vistas para a contextualização e embasamento das discussões tecidas na sequência. Em seguida se discute o papel da educação enquanto reprodutora da lógica do capital disseminada pelo Estado em sua concepção burguesa, a partir das considerações de István Mészáros e Dermeval Saviani. Por fim é analisada a função ocupada e exercida pelas instituições educacionais através da perspectiva de análise de Louis Althusser. Assim, pôde-se concluir que a escola se apresenta tanto como aparelho ideológico de Estado quanto como instrumento de formação de mão de obra discente e docente para a sociedade capitalista, cujo objetivo maior é a preservação dos interesses das classes dominantes em detrimento dos anseios das classes minoritárias.

Palavras-chave: Educação; Escola; Formação; Mão de obra; Capital.

ABSTRACT

This article aims to discuss issues inherent to the historical-social reality of education in Brazil, analyzing the role of educational institutions from the point of view of capital, trying to explain its role as an apparatus that is placed at the service of a bourgeois state, whose legitimation of authority and of the interests of the majority classes overlaps with the general interests of Brazilian society. For that, a bibliographical research and a review of the literature were carried out, taking as theoretical contribution authors such as Louis Althusser, István Mészáros, Dermeval Saviani, Caio Prado Júnior and Naura Ferreira and Márcia Aguiar. The text is structured in three parts. First, a brief overview is presented on the trajectory of education in Brazil, starting from Prado Júnior and Ferreira and Aguiar, with a view to the contextualization and basis of the discussions. Next, the role of education as a reproducer of the logic of capital disseminated by the State in its bourgeois conception is discussed, based on the considerations of István Mészáros and Dermeval Saviani. Finally, the function occupied and exercised by educational institutions is analyzed from the perspective of Louis Althusser's analysis. Thus, it

¹ Bacharel em Administração. Pós-graduado em Gestão Social, mestrando em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE; <https://orcid.org/0000-0003-0857-6728>; fabioxandy@ hotmail.com.

can be concluded that the school presents itself both as an ideological state apparatus and as an instrument for the formation of a teaching and teaching workforce for capitalist society, whose main objective is the preservation of the interests of the ruling classes to the detriment of the minority classes.

Keywords: Education; School; Formation; Labor; Capital.

INTRODUÇÃO

A escola², no contexto capitalista, se assume enquanto elemento que reproduz e legitima a lógica de mercado, pois não busca formar intelectual e socialmente o aluno e tampouco prepará-lo para entrar na universidade pública, mas, todavia, visa formar um trabalhador qualificado e útil para as forças produtivas e para as relações de trabalho (ALTHUSSER, 1985). Nesse sentido, refletir acerca do papel da instituição escolar no âmbito capitalista, assim como sobre a influência dos interesses do capital e da ideologia burguesa presente no sistema educacional perpassa pela proposta central deste texto.

Partindo de uma perspectiva histórica, é possível considerar que as classes majoritárias exercem, ao longo do tempo, um poder de autonomia e coerção sobre as menos favorecidas economicamente, as quais por sua vez, acabam sendo inferiorizadas e desvalidas socialmente (FERREIRA; AGUIAR, 2011). E esse panorama é refletido na escola, que, para Louis Althusser, atua não somente como aparelho ideológico, mas também como aparelho repressivo de um Estado que se coloca, mormente, como mantenedor dos interesses e anseios do capital. Nesse sentido, a escola não prepara o aluno para a sociedade, formando-o como um indivíduo consciente de seus direitos e deveres e capaz de exercer a cidadania, mas sim para atender os anseios e interesses do capital.

A partir dessa perspectiva e ancorado em autores como Louis Althusser, István Mészáros e Dermeval Saviani, buscou-se, então, debater questões relevantes e inerentes à realidade histórico-social da educação no país, analisando a função das instituições educacionais a partir da ótica do capital, tentando evidenciar o seu papel enquanto aparelho que se coloca a serviço de um Estado burguês, cuja legitimação da autoridade e dos interesses das classes detentoras de poder se sobrepõe aos

² Cabe sublinhar que o termo escola é utilizado, aqui, em sentido lato, tanto para fazer referência à instituição escolar – unidade educacional própria da educação básica – quanto para se referir às outras esferas da educação (instituições de ensino superior, técnico, tecnológico etc.).

interesses gerais da sociedade brasileira.

Em termos de metodologia, foram realizadas uma pesquisa bibliográfica e uma revisão da literatura, tendo como aporte teórico os autores supracitados. Assim, na primeira parte do artigo é apresentado um breve panorama sobre a trajetória da educação no Brasil, com vistas para a contextualização e embasamento das discussões tecidas na sequência. Em seguida, discute-se acerca da educação enquanto reprodutora da lógica do capital disseminada pelo Estado em sua concepção burguesa, a partir das considerações de István Mészáros e Dermeval Saviani. Por fim, é analisado o papel ocupado e exercido pelas instituições educacionais enquanto aparelho ideológico do Estado, mormente pela perspectiva althusseriana, assim como são tecidas ponderações, reflexões e considerações finais acerca do formato da escola na sociedade capitalista.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

Esta imersão na história da educação brasileira se faz mister neste momento, pois para analisar e debater acerca do papel assumido pela instituição escolar e a maneira pela qual ela se apresenta no contexto atual é necessário compreender a sua origem. Partindo, portanto, de uma breve tomada histórica, percebe-se um país que foi colonizado e dominado por povos europeus durante a maior parte de sua existência. O objetivo dos colonizadores sempre esteve muito evidente: explorar recursos naturais que estavam disponíveis em terras brasileiras e comercializá-los com a Europa, em detrimento de quaisquer interesses sociais. Houve, ao longo da história nacional, falta de distribuição de renda estruturada e, tampouco, investimentos em políticas sociais básicas e ausência de um Estado intervencionista e democrático. Desta forma, é possível entender que a não distribuição de renda e consequente formação de mazelas sociais não ocorre somente devido à falta de recursos, mas, sobretudo, de sua desigual distribuição na sociedade (PRADO JÚNIOR, 2004).

A educação no Brasil surge como uma questão social, sempre baseada na ótica da política pública. Origina-se, portanto, da união entre grandes latifundiários e nobres aristocratas com o “[...] interesse comum de conquistar a emancipação, para que pudessem realizar politicamente sua condição econômica e social de estamentos

dominantes” (FERREIRA; AGUIAR, 2011, p. 18). Nesta época, os interesses dos grandes latifundiários eram libertar as atividades produtivas das metrópoles sem que houvesse transformações na esfera socioeconômica do país e, sobretudo, limitando qualquer tentativa de alteração no regime escravista. Contudo, é correto dizer que esse regime cruel de segregação étnico-social só veio a dar sinais de enfraquecimento na segunda metade do século XIX, quando a escola, de fato, surgiu na sociedade brasileira se opondo diretamente à exploração da mão de obra e fortalecendo o direito do cidadão à educação. Ferreira e Aguiar (2011) fundamentam sua tese afirmando que, inicialmente, a educação se destinava às classes elitizadas, entretanto, a estrutura colonial também já recebia certa influência educacional, principalmente após a abolição do regime escravocrata (1888) e também a proclamação da república (1889).

No período em questão foram criados dois sistemas: o primeiro instaurado para atender a sociedade central (elite), contemplado com cursos preparatórios e ensino superior; o segundo se encarregava de instruir o povo e as classes menos favorecidas (minorias) através do ensino primário e secundário vocacional – no qual mais tarde originou a rede de ensino pública. Entretanto a educação pública, conforme delineado, é criada para suprir os interesses de um Estado burguês, e não da sociedade de modo geral. Basta olhar para a estrutura política e pedagógica da escola, com formação seriada e aos formatada moldes industriais, cujo maior propósito é suprir as necessidades do mercado exportando mão de obra minimamente instruída e capaz de executar ações pertinentes ao mundo do trabalho (FERREIRA; AGUIAR, 2011).

Acerca dos dois sistemas educacionais desenvolvidos no Brasil na passagem do século XIX para o XX, há um contraste nítido em questão. Dermeval Saviani, fazendo referência à Escola Nova – movimento surgido na época em questão com a intenção de renovar o formato da escola pública – afirma que seu ideário político-pedagógico, de superar um ensino tradicional cristalizado e burocrático a partir da introdução de métodos renovadores, centrados no indivíduo e no processo de construção do conhecimento, acaba por produzir, historicamente,

[...] o efeito de aprimorar a educação das elites e esvaziar ainda mais a educação das massas. Isto porque, realizando-se em algumas poucas escolas, exatamente aquelas freqüentadas pelas elites, contribuíram para o seu aprimoramento. Entretanto, ao estender sua influência em termos de ideário pedagógico às escolas da rede oficial, que continuaram funcionando de acordo com as condições tradicionais, a Escola Nova contribuiu, pelo afrouxamento da disciplina e pela

secundarização da transmissão de conhecimentos, para desorganizar o ensino nas referidas escolas. Daí, entre outros fatores, o rebaixamento do nível da educação destinada às camadas populares. (SAVIANI, 2013, p. 231).

Segundo Saviani, os métodos escolanovistas [inspirados em John Dewey³], por estarem centrados na construção do conhecimento a partir do indivíduo, em certa medida, desconsideram as questões histórico-sociais, na medida em que “uma teoria, um método, uma proposta devem ser avaliados não em si mesmos, mas nas conseqüências que produziram historicamente” (2013, p. 231). É nesse sentido que o autor afirma que o movimento escolanovista acaba por desmantelar, propriamente, certa organização disciplinar da educação, ainda que incipiente, mas que vinha sendo produzida pela perspectiva tradicional. Contudo, cabe afirmar que é o ideário escolanovista, de caráter liberal, pelo qual vai ser norteado o prosseguimento da educação no país dos anos 1930 até o panorama atual.

ESTADO E EDUCAÇÃO: REPRODUÇÃO DA LÓGICA CAPITALISTA

O Estado, em sua concepção burguesa, busca legitimar o *modus operandi* capitalista, de modo a contribuir com a divisão societária de classes, fato que beneficia o fortalecimento das classes elitizadas, uma vez que há a instituição da ideologia servil na medida em que os trabalhadores são concebidos para servir o mundo do trabalho, então passam a se apropriar dessa ideologia e acreditam que, qualificados técnica e operacionalmente, proporcionam o crescimento econômico do país (OLIVEIRA, 2009). E a escola, gestada como um instrumento que está a serviço desse Estado burguês, reforça a instituição dessa ideologia servil ao longo de toda a trajetória do indivíduo em sua vida escolar.

Julgo importante, neste momento, recorrer a Dermeval Saviani para conceituar a natureza da educação, etapa relevante para a compreensão do quanto é caro ao Estado capitalista o papel da escola enquanto instrumento ideológico. Segundo Saviani (2005), a educação é uma atividade inerente ao ser humano, animal que se distingue

³ Filósofo e pedagogo norte-americano (1859-1952), cujo pensamento exerceu forte influência no movimento escolanovista e norteou os projetos políticos pedagógicos das escolas públicas brasileiras a partir de 1930 (BRASIL, 2018).

dos outros animais pela produção do trabalho, o que o permite transformar a natureza de acordo com suas necessidades de sobrevivência. E para que ocorra o trabalho, classificado pelo autor como “trabalho material”, o homem “necessita antecipar em ideias os objetivos da ação, o que significa que ele representa mentalmente os objetivos reais” (SAVIANI, 2005, p. 12), ou seja, ele torna real aquela ação imaginada mentalmente. No entanto, há também outra categoria de produção do saber humano que Saviani classifica como “trabalho não- material”, isto é, a produção de ideias, valores, conceitos e hábitos; a própria produção do saber. Para o autor, é nessa segunda categoria que se situa a educação.

Contudo, a escola, no mundo contemporâneo, tem um viés ideológico muito claro: o de formar o indivíduo para a atividade produtiva, tornando-o apto a exercer funções em seu posto de trabalho, de acordo com a demanda da atividade empresarial (ALTHUSSER, 1985) – fato que, para Saviani, não faz parte do processo educativo em si, sendo apenas uma faculdade mental que precede o trabalho material (saber fazer). Essa compreensão é, sobretudo, a chave para perceber como a educação se apresenta enquanto instrumento ideológico e de que maneira ela reproduz a lógica produtivista do capitalismo e, conseqüentemente, contribui unicamente para a formação de mão de obra, na medida em que as instituições educacionais assumem esse caráter ideológico burguês em seu próprio formato, ideário e projeto político pedagógico. É nesse sentido que István Mészáros (2005) classifica a educação como produto próprio do modo de produção capitalista, ou seja, passa a assumir o *status* de mercadoria. Para o autor mencionado, a educação formal (institucionalizada), nos últimos 150 anos,

[...] serviu – no seu todo – ao propósito de não só fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva em expansão do sistema do capital, como também gerar e transmitir um quadro de valores que *legitima* os interesses dominantes, como se não pudesse haver nenhuma alternativa à gestão da sociedade, seja na forma “internalizada” (isto é, pelos indivíduos devidamente “educados” e aceitos) ou através de uma dominação estrutural e uma subordinação hierárquica e implacavelmente impostas (MÉSZÁROS, 2005, p. 35, grifo do autor).

Nesse sentido, Mészáros afirma ainda que a instituição escolar formal não produz plenamente o ideário burguês, mas somente uma parte dele, já que a vida escolar se resume a um curto período de tempo da vida dos indivíduos. Entretanto:

Quer os indivíduos participem ou não – por mais ou menos tempo, mas sempre em um número de anos bastante limitado – das instituições formais de educação, eles devem ser induzidos a uma aceitação ativa (ou mais ou menos resignada) dos princípios reprodutivos orientadores dominantes na própria sociedade, adequados a sua posição na ordem social, e de acordo com as tarefas reprodutivas que lhes foram atribuídas (MÉSZÁROS, 2005, p. 44).

Ou seja, fica bastante evidente o papel assumido pela instituição educativa formal na sociedade capitalista, a qual, embora não componha “[...] a força ideologicamente *primária* que consolida o sistema do capital, tampouco ela é capaz de, por si só, fornecer uma alternativa emancipadora radical” (MÉSZÁROS, 2005, p. 45, grifo do autor). E nesse aspecto, de acordo com o autor, certamente a principal função da educação formal é tornar o indivíduo conformado com as mazelas produzidas historicamente pelo capital, sendo capaz de reproduzir a sua lógica a partir da internalização da ideologia dominante por ele apropriada.

A INSTITUIÇÃO ESCOLAR COMO APARELHO IDEOLÓGICO DE ESTADO

Inicialmente se faz mister conceituar o que vem a ser um *Aparelho Ideológico de Estado (AIE)*. Para tanto, recorramos ao criador desse termo, o filósofo francês Louis Althusser, teórico que irá nortear as discussões neste tópico. Para o autor, os Aparelhos Ideológicos do Estado são as instituições que trabalham em prol da reprodução da ordem vigente por meio da transmissão da ideologia burguesa e sua apropriação pela classe trabalhadora. Isto é, as igrejas (AIE religiosos); a família; os sistemas jurídico e político; os sindicatos (AIE sindical); a imprensa, o rádio e a televisão (AIE de informação); as artes, os esportes e a literatura (AIE cultural) e as instituições escolares (AIE escolar) (ALTHUSSER, 1985). O autor explica que a atuação dos Aparelhos de Estado se dá pelo viés ideológico, isto é:

Um indivíduo crê em Deus, ou no Dever, ou na Justiça, etc. Esta crença provém (para todo mundo, isto é, para todos que vivem na representação ideológica da ideologia, que reduz a ideologia, por definição, às idéias dotadas de existência espiritual) das idéias do dito indivíduo enquanto sujeito possuidor de uma consciência na qual estão as idéias de sua crença. A partir disso, isto é, a partir do dispositivo “conceitual” perfeitamente ideológico assim estabelecido, [...] o

comportamento material do dito indivíduo decorre naturalmente. (ALTHUSSER, 1985, p. 90, grifo do autor).

Desse modo, Althusser ressalta que o indivíduo adota determinada postura e/ou age de determinado modo a partir daquilo está em conformidade com as suas crenças, e que é regulamentado pelo aparelho ideológico escolhido pelo próprio indivíduo, agora sujeito consciente de suas escolhas. Assim sendo,

Se ele crê em Deus, ele vai a Igreja assistir à Missa, ele se ajoelha, reza, se confessa, faz penitência [...] e, naturalmente se arrepende, e continua, etc. Se ele crê no Dever, ele terá comportamentos correspondentes, inscritos nas práticas rituais, “segundo os bons costumes”. Se ele crê na Justiça, ele se submeterá sem discussão às regras do Direito, e poderá mesmo protestar quando elas são violadas, assinar petições, tomar parte em uma manifestação, etc. (1985, p. 90, grifo do autor).

Nesse sentido, a escola assume o papel de Aparelho Ideológico de Estado não simplesmente por reproduzir em seu ideário o modo burguês de pensar e viver, mas, também, por contribuir, dentro de suas limitações, com a formação do indivíduo para o trabalho produtivista. Nesse sentido, Althusser (1985, p. 57-58, grifo do autor) parte de uma indagação importante para delinear sobre o papel da escola na conjuntura capitalista:

Ora, o que se aprende na escola? É possível chegar-se a um ponto mais ou menos avançado nos estudos, porém de qualquer maneira aprende-se a ler, escrever e contar, ou seja, algumas técnicas, e outras coisas também, inclusive elementos [...] de “cultura científica” ou “literária” diretamente utilizáveis nos diferentes postos da produção (uma instrução para os operários, uma outra para os técnicos, uma terceira para os engenheiros, uma última para os quadros superiores, etc...). Aprende-se o “know-how”.

Valendo-se do conceito de *know-how* (saber como), Althusser afirma que a escola, num primeiro momento, busca qualificar técnica e profissionalmente o indivíduo para que saiba executar as tarefas pertinentes ao seu posto de trabalho, de acordo com a função assumida na empresa, e, concomitantemente, visa instruí-lo para

[...] as “regras” do bom comportamento, isto é as conveniências que devem ser observadas por todo agente da divisão do trabalho conforme o posto que ele esteja “destinado” a ocupar; as regras de moral e de consciência cívica e profissional, o que na realidade são regras de

respeito à divisão social-técnica do trabalho e, em definitivo, regras da ordem estabelecida pela dominação de classe. Aprende-se a “falar bem o idioma”, a “redigir bem”, o que na verdade significa [...] saber “dar ordens”, isto é, (solução ideal) dirigir-se adequadamente aos operários etc... (1985, p. 58, grifo do autor).

Cabe dizer, portanto, que à escola (e às outras esferas da educação) não cabe somente preparar os indivíduos, isto é, os alunos para os postos de trabalho por meio da qualificação técnica e/ou profissional, mas, igualmente, produzir um efeito de submissão às normas da ordem vigente, tornando o aluno um operário que não somente executa e realiza bem as tarefas que a ele são impostas no trabalho, mas que também aceite passivamente a reprodução da ideologia dominante transmitida pelos “agentes de exploração e repressão”, termo cunhado pelo autor. E essa disseminação de normas de conduta, como também a própria reprodução ideológica, não se restringe ao proletariado da indústria ou do comércio, uma vez que os elementos da cultura científica e até mesmo literária, nas palavras de Althusser, são úteis a todo trabalhador, a depender do cargo ocupado e da função exercida em seu posto de trabalho. É válido dizer, contudo, que o professor também se enquadra nessa definição, pois a formação docente é também permeada pela lógica burguesa na sociedade capitalista.

Portanto, é sob essa ótica que a escola assume o *status* de Aparelho Ideológico de Estado, na medida em que assegura a transmissão ou transposição da ordem dominante através dos conteúdos ensinados e dos valores imbuídos no aluno, quer seja o respeito à moral vigente, quer seja a submissão às autoridades da sociedade capitalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão levantada por este texto teve como ponto de partida tecer análises acerca do papel da instituição escolar no sistema capitalista a partir do pensamento de Louis Althusser, István Mészáros, Dermeval Saviani e outros autores que se debruçam sobre o assunto. Para Althusser (1985), a escola, no capitalismo, assume a função de aparelho ideológico de Estado, ensinando conteúdos necessários às forças produtivas do capital, além de normas de bom comportamento e valores caros ao sistema capitalista. Nessa perspectiva, o aluno será exportado, ao final do período escolar, diretamente para os postos de trabalho, uma vez que estará pronto, guardadas as

proporções, para executar bem as tarefas que lhe cabem e para reproduzir a ideologia burguesa.

É nesse sentido pelo qual Saviani (2013) irá afirmar que a escola não ensina práticas democráticas em seu interior, pois para que a democracia ocorra, é necessário que haja condições de igualdade entre os alunos já no ponto de partida e não ao fim do processo educativo. Seguindo essa premissa, Saviani ressalta que o papel assumido pela escola “[...] acaba por desnaturar o próprio sentido do projeto pedagógico. Isto porque se as condições de igualdade estão dadas desde o início, então já não se põe a questão de sua realização no ponto de chegada. Com isto o processo educativo fica sem sentido.” (2013, p. 236).

Desse modo, a representação e o papel ocupado pela escola, bem como o formato em que ela assume e a própria proposta pedagógica apresentada, de inspiração liberal, implicam uma questão histórica, isto é, vão se formatar a partir do ideário social de determinado tempo. E para o ideário burguês, é igualmente importante e necessário que o trabalhador se aproprie dessa ideologia, pois somente assim é possível sustentar as bases da máquina reprodutiva do capital pela própria classe produtora desse capital: o proletariado. Assim sendo, segundo Althusser (1985) e Mészáros (2008), o papel da escola enquanto instituição a serviço de um Estado burguês é de grande valia para a manutenção do capital, pois prepara profissionalmente e ideologicamente o aluno para assumir seu posto de trabalho quando finalizar sua vida escolar, além de auxiliar no processo de resignação dessesse indivíduo frente às mazelas sociais produzidas historicamente pela humanidade.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BRASIL Escola. **Escola nova e o movimento de renovação do ensino**. Disponível em: <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/gestao-educacional/escola-nova.htm>>. Acesso em: 29 maio 2018.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto; AGUIAR, Márcia Angela da S. **Gestão da educação**: impasses, perspectivas e compromissos. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

OLIVEIRA, João Ferreira de. A função social da educação e da escola pública: tensões, desafios e perspectivas. In: FERREIRA, Elisa Bartolozzi; OLIVEIRA, Dalila Andrade (org.). **Crise da escola e políticas educativas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PRADO JÚNIOR, Caio da Silva. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia: para além da “teoria da curvatura da vara”. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 227-239, dez. 2013.

SAVIANI, Dermeval. Sobre a natureza e especificidade da educação. In:_. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2005. Cap. 1, p. 11-22.

Recebido em: 12/09/2018
Aprovado em: 05/11/2018
Publicado em: 29/12/2018